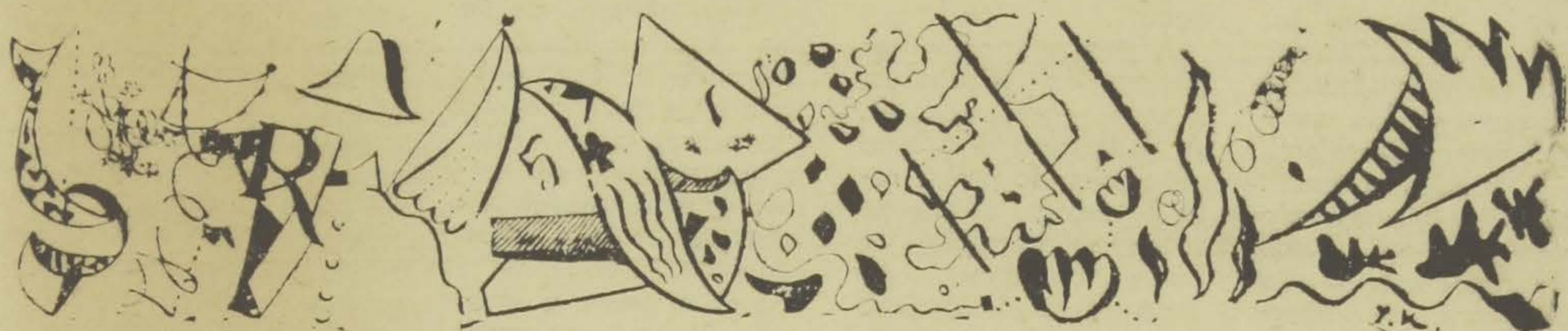


Correio das Artes

Ano I Número 33 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Sábado, 5-11-1949



VINHETA DE YLLEN KERR

NICARAGUA E RAMON OROSCO

CLOVIS ASSUMPÇÃO

A Nicaraguá é feita de terra imatura, convulsionada e violenta. Como nação, criou-se de quatro séculos de tremendas lutas. Primeiramente a fase da conquista espanhola, com as penetrações em busca do ouro e da fixação do poder, subjugando e exterminando as tribus de indígenas, divididas em três grupos principais: os "diriangos", os "mosquitos" e os pacíficos "nicaraos". Depois a disputa entre os espanhóis e os ingleses, estabelecidos finalmente na costa do mar Caribe, na região dos mosquitos, por muito tempo, donde resulta a influência da língua, e, também dando traço característico á zona, a presença do elemento negro, importado das Antilhas. A luta contra os invasores ingleses, assumiu aspecto mais relevante do que a mantida no século do descobrimento, em pleno período de conquista, contra os piratas ingleses, holandeses e franceses. Finalmente os incêndios, terremotos, revoluções e aventureiros, época de grandes tropelias. Começa a revolução dos mosquitos, agora constituídos de descendentes dos

nativos índios mosquitos misturados com negros, insigados pelos ingleses. O aventureiro norte-americano William Walker pilhou o país, tomando conta do governo. No meio do século XIX começa a corrida do ouro nos Estados Unidos, determinando uma grande deslocação de populações do oriente para o ocidente, em convergência sobre a Califórnia. O trajeto mais curto era a descida de Nova Orleans e do mar Caribe, o cruzamento da Nicaraguá, através o rio São João e o lago Nicaraguá e a sur-

bida do Pacífico. O transporte total estava nas mãos de Vanderbilt. Walker perturbou os negócios de Vanderbilt e foi por este, juntamente com forças do país expulso e morto no interior de Honduras. Uma série de terremotos e incêndios assolou a Nicaraguá, completando um ciclo de tremendas perturbações.

A Nicaraguá reduz-se á uma faixa de terra equilibrada entre dois oceanos, o Atlântico com o Mar Caribe e o Pacífico. A Leste, na Costa dos Mosquitos, estendem-se

as grandes florestas. No Centro, uma faixa de planalto. Ao contrário dos outros países monárquicos da hispano-América, não estão concentradas populações nesta região. Apenas esparsos vaqueiros e plantadores de café. A Oeste, nas terras baixas, localiza-se a agricultura, fonte principal da renda e da vida do país, e onde surgiram as cidades principais e em maior número.

A ficção moderna da Nicaraguá, intimamente ligada com a dos outros países de fala espanhola da América, integrando uma literatura só, reflete na sua feição regional e social, todas as verdades e fundamentos nacionais. O romancista mais conhecido é Hernán Robleto, com livros que vêm refletindo o aspecto social. Mais recentemente apareceu Ramón Oroscó um dos mais relevantes criadores da ficção regional. A zona escolhida foi a de agricultura bem próxima á cidade de Chinandega, entre a velha cidade colonial de Leon e o porto de Corinto. O poeta nicaraguense Ruben Darío, reformador da poesia es-

ESPERANÇA

JORGE MEDAUAR

"Eu faço versos como quem morre".
(MANUEL BANDEIRA, Desencanto.)

**EU FAÇO VERSOS COMO QUEM LUTA
DE FRENTE ERGUIDA... DE ARMAS NAS MÃOS...
FORMA AO MEU LADO, POIS NA LABUTA
OS COMPANHEIROS SÃO COMO IRMÃOS.**

**MEU VERSO É AÇO. FORNÁLHA ARDENTE...
PEITO OU BIGORNA... BRAÇO OU TRATOR...
CORRE ENTRE O POVO. SALGADO E QUENTE,
CAI. GÔTA A GÔTA. PORQUE É SUOR.**

**E NESTES VERSOS DE LUTA OUSADA
DEIXO A ESPERANÇA QUE SEMPRE TIVE
NAS TINTAS RUBRAS DA MADRUGADA.
— EU FAÇO VERSOS COMO QUEM VIVE,**

panhola, como pai do simbolismo, a quem o poeta hondurense Juan Ramón Molina, seu contemporâneo, chamou de:

Clróforo de triste mirada
[da penetrante,
que al son órfico ajusta
las la gama de los
seres,
que sabes los secretos
[prístinos del diamante
y conoces el alma sutil
[de las mujeres".
apesar de ter viajado
sempre e de ter vivido
muitos anos fora de sua
patria, em longos e inter-
mináveis itinerários, a-
mando outras pátrias
também, como provam o
"Canto épico a las glorias
de Chile" e "Canto a la
Argentina", não esque-
ceu a sua terra e espe-
cialmente esta região que
o viu nascer; assim no
soneto "Eros", o segun-
do do "Triptico de Nica-
ragua" pode dizer:

"En cada mujer miro
[como una ninfa griega:
en poemas sonoros sus
[frescas gracias pinto
y esto pasa al amor del
[pureto de Corinto,
o en la rica en naran-
[jas de almibar, Chi-
[landega".

Não são somente os
naturais da Nicaraguá
que sabem o valor e o
poder de beleza e suges-
tão que tem os frutos do
país. Sua fama corre a

América. Transparece no
conto "Pedro Marques
Lobishomem inteligente"
de Mario Neme: "Todos
chamavam ela de mo-
rena bonita, porém
era engano deles; boni-
ta era de fato, porém
morena não. Nem um
pouco.

A pele dela era ver-
pêssego da Nicaraguá,
maduro, bem maduro".
A agricultura é a base
econômica do país e es-
tá de modo primordial
presa á produção de
frutas. Perfeitamente li-
gado a esta realidade, o
romancista Ramón Oro-
sco, é um fiel interprete,
entrozando-se com ela,
vivendo-a, e dando-lhe
uma especial dimensão
graças ao poder de ar-
tista, revelador dos as-
pectos vulgares e sem-
pre inéditos, ao mesmo
tempo, do homem e da
terra, com suas marcas,
injunções, poderes e fra-
quezas típicas. O roman-
ce "Cosmapa" é o retrato
de uma Nicaraguá es-
pécifica, a legitima Ni-
caraguá, a de raízes, a
do interior, com um po-
vo, uma vida, uma face
e uma luta de violências
inumeráveis. "Cosmapa"
é a historia de uma
grande propriedade agrí-
cola, de seu senhor e
de seus trabalhadores.
O proprietário, depois
de longas viagens e
educação no estrangei-

ro, resolve cultivar e
ganhar com a agricul-
tura. Acompanhado de
um guarda-livros, espé-
cie de filósofo gasto, de
memória de homem, com
eruditismos hipertrofia-
dos para o ambiente, pe-
queno cínico, irônico e
amargo. Depois de ter
lido demais, equilibra-
se entre os braços de
uma serventa, índia e o
trapesio do álcool. A fi-
gura principal de mu-
lher é Julia, espécie de
mestiça, protótipo nica-
raguense. Conquista o
senhor e passa a viver
com êle na casa gran-
de. Com origens obscu-
ras, é a terra e a sua
força em pessoa. Bem
humanos são os traba-
lhadores do estabeleci-
mento. Uma peonada
terrível primitiva, mina-
da de superstições, lut-
adores num mundo em
efervescência, entre a
qual sobressai a pessoa
do capataz, misto de so-
berba e de medos fun-
damentais, superhomem
para as simples mulhe-
res do povo, aventurei-
ro, eternamente escondi-
do atrás do facão. A
côr local impõe-se, pela
reviviscência, em con-
tra-ponto de fatos e reali-
dade presente. Fatos que
os tipos bem deline-
dos, amoldados pelo
próprio standard de vida
interpretam com veemen-
cia. O problema do cal-

deamento de raças sur-
ge grifante aqui, pela
aproximação entre o Se-
nhor e Julia, ressaltan-
do a condição da índia,
dedicada, imensurável de
paciência e ternura dis-
ta, sem jamais exigir,
fácil na aparência, pri-
mária, se bem roída de
múltiplos problemas, es-
quiva e cercada de tre-
mendo animismo. Na
verdade são estas as
mulheres da América,
as mães dos povos a-
mericanos. "Cosmapa"
reflete em ambiente o-
presso, de clima pesado,
tropical. Mais para o
interior, aliam-se as
vulcões, a ameaça de
sempre, transformando a
vida toda, suspensa du-
rante certas horas, assim
como pode torna-la a ves-
pera da grande chuva,
da tempestade tropical.
Volta-se a época de for-
mação, um cosmos agi-
tado e nascendo. A terra
transforma-se toda, subs-
tancialmente, já senão a
lava das vulcões próxi-
mos, imperando a feição
vegetal ligada ao céu
pelas ondas de vento.
Com este livro Ramón
Orosco, mantendo em
alto nível sua Nicara-
guá, contribui, com seus
valores, para a novelis-
tica Hispano-America-
na, justamente uma das
mais importantes mani-
festações da arte da
América.

NA ACADEMIA PARAIBA-
NA DE LETRAS, NO PRO-
XIMO DIA 15 DO COR-
RENTE

Associando-se às come-
morações que vem sendo
realizadas em todo país em
homagem ao centenário
de nascimento de Ruy Bar-
bosa, a Academia Paraiba-
na de Letras promoverá no
próximo dia 15 de novem-
bro, às 20 horas, uma reu-
nião solene.

Para isso, a diretoria da-
quela sociedade cultural
convidou o escritor e jor-
nalista Silvino Lopes para
realizar uma conferência,
subordinada ao título RUY
E A LUTA CONTRA A
VIOLENCIA.

Nome conhecido nos
meios jornalísticos e literá-
rios do país, essa confe-
rência do escritor paraiba-
no vem atraindo a atenção
do nosso mundo intelectual,
quando Silvino Lopes fo-
calizará um dos aspectos
mais significativos da obra
de Ruy Barbosa.

PRÓXIMAS EDIÇÕES

Anunciando o início de
seu movimento editorial com
o próximo lançamento dos
"Cadernos da nova gera-
ção", a revista "Cronos" do
Rio tem programado o se-
guinte: "SETE CARTAS, fi-
cção, de Célio Lira; "AL-
GUNS ESTRANGEIROS
NO BRASIL", ensaios, de
Léo Rodrigues de Almeida;
"LITERATURA E FILOSO-
FIA", de Nísio Batista Mar-
tins; "O REI DA FLORES-
TA", teatro, de João Este-
vão Bethencourt e "POESIA
DE HOJE", coletânea orga-
nizada por Pedro Luiz Mast
— "ELEGIAS E OUTROS
POEMAS", de Mauro Mota
um dos mais legítimos va-
lores da moderna poesia
brasileira.

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

Diretor: SILVIO PORTO

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDUARDO MARTINS

Redatores:

CARLOS ROMERO — DULCIDIO MOREIRA
GEORGE MATTOS — JUAREZ BATISTA

HINO À LIBERDADE

RUY BARBOSA

LIBERDADE! Entre tantos, que te trazem na boca, sem te sentirem no coração, eu posso dar testemunho da tua identidade, definir a expressão de teu nome, vingar a pureza do teu evangelho; porque, no fundo da minha consciência, eu te vejo incessantemente como estrêla no fundo obscuro do espaço. Nunca te desconheci, nem te trairei nunca; porque a natureza impregnou dos teus elementos a substância do meu ser. Teu instinto derivou para êle das origens tenebrosas da vida no temperamento inflexível de meu pai; entre as mais belas tradições da tua austeridade oscilou o meu bérço; minha juventude embebeu-se na corrente mais cristalina da tua verdade; a pena das minhas lidas apartou-se no fio penetrante do teu amor; e nunca se imbuí num sofisma, ou te dissimulei num subterfúgio para advogar uma causa, que te não honrasse.

A democracia que te nega, ou te cercela, engoda os povos com o chamariz de uma soberania falsa, cujo destino acaba sempre às mãos das facções ou dos aventureiros, que a exploram. Senhoras de si mesmas, na acepção verdadeira da palavra, são unicamente as nações que te praticam sem óbices nem reservas; pois só onde a unidade humana fôr livre, a colctividade humana pode, ser consciente. Os que falam nas tuas demasias, esquecem que não te poderás desregurar, senão quando fôres impura, ou não sejas completa, e, onde te observarem por igual no desenvolvimento simultâneo de todos, não há meio de contrariar o de ninguém.

Teu nome é como o do povo: vencedor sempre na batalha, preterido quasi sempre nos despojos. Na hora das grandes reivindicações — triunfa

desde logo a habitar a boca de teus antigos defensores, como se a razão de Estado não fôsse a velha meretriz do despotismo, e a autoridade, ou a

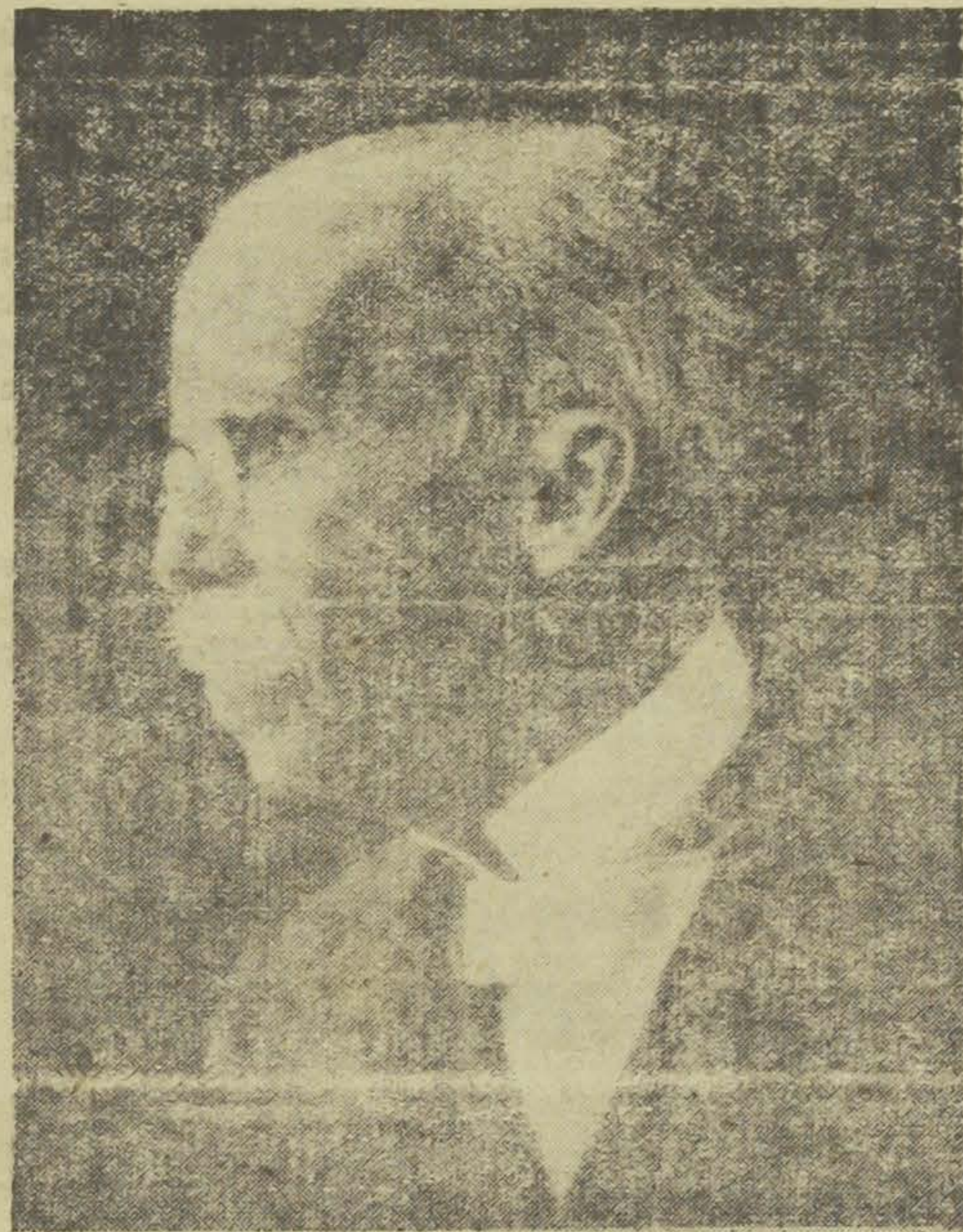
der em goso, ou poder em saudade. Mas tú não és a escada para o poder: és, nas sociedades adiantadas, o elemento sagrado que o limita. Não te chamas dominação: chamas-te igualdade, tolerância, justiça.

Não te entregas em monopólio a um predestinado, a uma religião, a uma parcialidade, a um sistema: existes uniformemente para todos, eliminadora de mal, fonte igual de luz, calor e prosperidade para o bem.

Só te compreendem os que te não escusam aos seus adversários: porque tú és a discussão, a luta das inteligências, o combate das idéias. Nenhuma opinião, nenhuma política, nenhuma invenção humana é privilegiada contra ti: sobre tôdas entornas imparcialmente os teus raios, a cujo clarão o erro se descobre, e prevalece a verdade.

Uma constituição indiscutível é, perante a lição da tua experiência, uma constituição caduca, gerada na decrepidez, condenada de nascença á esterilidade.

Só por ti se descrimnam autenticamente os regimes. Tua presença faz as repúblicas, dando-lhes o governo da opinião, fórmula necessária da realidade republicana. Tua ausência as infama, as desmascara, as arruína, insurgindo contra elas as tuas forças, as maiores que a nossa natureza conhece, as que revolvem até o fundo a alma humana, as que levantam, ao grito da consciência, as pedras das calçadas, as que fazem pairar sobre as revoluções o espírito de Deus.



FOTOGRAFIA DE RUY TIRADA POUCO ANTES DA MORTE

irresistível a harmonia das tuas promessas, como o — *poean* — grego, o hino da vitória infalível. Mas não raro os teus apóstolos assumem no outro dia a tua tutela, e os crimes contra ti concebidos passam a se perpetrar em teu nome. A ordem, a autoridade, a razão de Estado entram

ordem, pudasse ter bases mais estáveis que a observância estrita dos teus mandamentos. Os tons podem variar, mas a gama é a mesma: autoridade, ordem, patriotismo, povo, democracia, república, liberdade, tudo são modulações do mesmo motivo, o poder: poder em aspiração, po-

EUROPA E ESTADOS UNIDOS

NEY GUIMARÃES

HA um critério superior e que muito se destaca nos filmes, em boa parte, que nos têm sido apresentados, saídos dos estúdios da Europa, em particular da Itália, França e Inglaterra. É um sentido profundo da realidade. Sem se sair da atmosfera puramente artística. Os dois elementos, arte e realidade, em conjunto. Realçados, oferecendo motivos de apreciação, tornando-se qualidade pelo gosto como aproveitados. E tudo então colabora para que o assunto da película se valorize — o desenvolvimento do enredo, a fotografia, a direção, a interpretação e o mais que um filme exige. Como filmes de qualidade já foram exibidos "Roma, Cidade Aberta", "Viver em paz", "O coração manda" e "Um dia na vida", dos estúdios italianos; "O Condenado", "Grandes Esperanças",

"Narciso Negro" e "Desencanto", produzidos na Inglaterra; "O Idiota", "A Bela e a Fera", "Monsieur Vincent" e "Adúltera", realizados na França. A realidade está vivíssima em todos esses filmes, excetuando-se "A Bela e a Fera", e também é evidente o sentido artístico.

Assim, enquanto o cinema apresenta panorama cheio de atrativos na Europa, através do movimento de interesse que se nota e da qualidade da sua produção, o que sucede nos Estados Unidos é justamente o contrário. Vê-se que tudo se esgota. Todos os elementos se anulam. Existem todas as facilidades. Existe a técnica. Mas tudo esbarra na falta de sensibilidade artística. Também não é possível esperar-se encontrar o menor sinal de qualidade em filmes que contam em seu elenco artistas

sem nenhum senso de arte como Betty Grable, Lana Turner, Janis Paige, Shirley Temple, Betty Hutton, Eleanor Parker, Esther Williams, Dennis Morgan, Jack Carson, Randolph Scott, Dane Clark, Peter Lawford, Alan Ladd, John Lund, Willard Parker e Gene Kelly. Artistas todos sem expressão, dominam atualmente em Hollywood. E há ainda muitos outros que podem ser incluídos na relação. Em outros setores trabalham igualmente criaturas que não fazem para dar valor a um filme. Acontece que muitos diretores capazes se vêem envolvidos pela mediocridade dos argumentos que lhes são confiados e pela ausência de personalidade das interpretações escolhidos pelos produtores. Nos últimos meses apenas um grande filme norte-americano foi

visto — "Monsieur Verdoux", de Charles Chaplin.

O que ainda recomenda o cinema norte-americano são alguns elementos de importância: produtores, diretores, escritores, adaptadores de argumentos, cenaristas, "camera-men" e intérpretes, entre estes podendo ser mencionados os nomes de Bette Davis, Joan Crawford, Katharine Hepburn, Olivia De Havilland, Dorothy Mac Guire, Jennifer Jones, Betty Field, Jane Wyman, Gregory Peck, Spencer Tracy, Fredric March, Joseph Cotten, Orson Welles, James Stewart, Gary Cooper, Cary Grant e Robert Montgomery.

O presente nos mostra que o cinema norte-americano está em declínio e que na Europa essa arte avança e vai obtendo magníficos sucessos.

A Viagem de Núpcias de JACK LONDON

guida, partiremos pelo mundo num barco a vela como esse marujo".

A mulher volta-se, fita-o nos olhos, e num belo rasgo de compreensão e de amor:

— Mais tarde já não seremos tão jovens e nem estaremos armados de tanto entusiasmo para essa bela aventura. Partamos agora; construiremos a casa depois. A casa fica no seu lugar e o barco está sempre de um lado para outro".

Era a admirável resolução que ele esporava. Mandaram construir o barco, denominaram-no "The Snark" e partiram como em viagem de núpcias.

Sózinhos, na imensidade do oceano jamais se antediziam, avançando serenamente na rota do sol. A mulher auxiliava o marido nas lições de bordo e quando este, no beliche, se punha a escrever, ela se dedicava igualmente, á mesma tarefa, anotando, num diário, tudo que se passava durante o percurso.

Ao terminarem a viagem, a mulher do escritor havia feito um livro: "Diário de bordo do "The Snark", obra que deve ser considerada um modelo no gênero. Jack London e a esposa não eram turistas desinteressados; viajavam por um impulso orgânico de in-

tegrar-se na vastidão do planeta. O amor para eles estava ligado a esse sentido de expansão e aventura.

Mais tarde, quando viúva, entrevistada por Frederic Lefevre, em Paris, ela dirá:

— "Minha vida com Jack London foi uma série de viagens de núpcias".

ARTE E LITERATURA

RECEBEMOS o seguinte número de "ARTE E LITERATURA", suplemento da "Tribuna de Petropolis" que obedece a direção de Guilherme Auler e Sérgio D. T. Macedo. É um dos bons jornais literários que ora se editam em nosso país.

JACK London, o homem cuja obra é, toda ela, uma extraordinária lição de energia, teve a felicidade de encontrar na vida uma esposa que foi sua ardente colaboradora, não só no plano intelectual como no plano material. É extraordinariamente romanesca a história do casal. Alguns dias depois de contraídas as núpcias, quando se achavam ainda nos transportes da lua de mel, o escritor conta a esposa a odisséia de um marujo americano, que solitário, num barco de trinta pés de comprimento, conseguiu dar a volta ao mundo. Jack inflamava-se ao recordar a proeza e a mulher acompanhava-o no entusiasmo.

— "Vamos construir primeiro a nossa casinha — disse ele — e em se-

Flaubert e a Genese de "Salambô"

SUZANNE NORMAND

EM maio de 1849, há pouco mais de cem anos, Flaubert anunciava, aos amigos e à sua mãe, o projeto de partir para o Oriente, no fim do verão, em companhia de Maxime du Camp. "Partiremos entre 15 e 18 do mês. Subiremos o Nilo até Tebas, dali iremos à Palestina e depois à Síria, Bagdad, Bassora, Persia, até o mar Caspio. Queremos visitar o Caucaso, a Georgia, a Asia Menor pela costa, Constantinopla e a Grécia, se ainda houver dinheiro".

Dá vários motivos para esta viagem: "tenho necessidade de mudar de ar, em toda a extensão da palavra...", e acrescenta que a sua saúde piora e que o médico lhe aconselhou os climas quentes. Isto não deixa de ser engraçado, quando pensamos em todas as fadiga, todos os azares que então significavam semelhantes expedições: o cavalo, o camelo, a tenda... Na verdade Flaubert, partindo realiza o mais tenaz, o mais caro dos seus sonhos, visitar a Oriente. Nada de preocupações profissionais e nenhuma ideia preconcebida da vida, calorosa, emocionante reportagem, como diríamos hoje, que a sua correspondência constitui. Durante muito tempo, ele vai tirar como unico resultado um simples e íntimo prazer. Sobre o Nilo escreve: "debruçado no convés, contemplava as ondas iluminadas pelo luar pensando em todas as reminiscências históricas que deviam acudir ao meu espírito, e no entanto não chegavam, enquanto o meu olhar espiava como o de um boi, ingenuamente, a

água. Várias vezes pencei em Racine no seu gabinete, com a peruca e o traje a seculo XVII, quebrando a cabeça para descrever a planície líquida e mais a montanha úmida. Que confusão medonha isso lhe devia causar à imaginação.

Não, a Antiguidade e a Arqueologia não nos levam ao tema literário. Só a vida o solicita e lhe dá encanto. Por certo, depois que voltou, ele vai sentir confusamente que haviam se renovado as fontes da sua inspiração. Mas, só em 1855 irá pensar num "romance cuja criação se passou três séculos antes de Cristo". Numa carta a Feydeau, esclarece: "sinto necessidade de me evadir do mundo moderno, em que a minha pena se

molhou e que além disso me fatiga tanto para reproduzir, como me desagrada em vêr". Desde então, no observador minucioso e feroz das almas comuns e dos destinos medíocres, começam a nascer outros apetites, outras visões. Mas a paixão da descoberta se sucede, em Flaubert, a paixão documental. A composição, que para ele é tudo, lhe reservará para "Salambô", muitas outras torturas e muitas outras delícias. Para cenário do seu novo romance, escolheu Cartago, "coração da mais apodrecida civilização do globo". Porque "ao Oriente europeu, ao Oriente de Byron, eu prefiro o Oriente abrasador do beduíno do deserto. Mas acrescenta, é necessário que nos entreguemos a isso

por indução, em um trabalho arqueológico formidável". Esta composição devia durar seis anos. Quando em maio de 1858 Flaubert se decide a ir a Tunís, já vivia, desde dois anos, na atmosfera africana. Leu tudo que no tempo, se podia ler sobre Cartago. E somente depois de ter absorvido tudo daquela Africa desconhecida é que sente necessidade de dar ao seu livro o apoio de um cenário real. Diz ele: "passear nos arredores de Cartago, num raio de 20 leguas para conhecer a fundo as paisagens a descrever". E partiu, afinal. Naquele cenário, naquele clima, que seres criaria, que aventuras viveria? Pensa "numa historia sobre Anobilis, uma mulher que quiz ser amada pelo seu Deus".

Entretanto a esta antiga miragem ele se obstina em aplicar as regras do romance moderno — preceito que manjeira com tanta maestria. O artista deve se abster das opiniões preconcebidas, das suas inimizades e até das suas simpatias. Ele deve representar as formas, os fatos e as ideias e não deixar que a abundancia de detalhes faça submergir a linha e o equilibrio do conjunto.

Eis pois o grande trabalhador ás voltas com o assunto. De um lado a documentação profusa e glacial. De outro, os seres que palpitam, que esperam, que saírem. A imaginação, o senso do humano em Flaubert perturbarão a fria arqueologia? Voltando da Africa, pode escrever a Feydeau "eu daria a meia resma de notas que escrevi, de seis meses para cá, e os noventa e oito volumes que li, para

ÁSPERA MESSE

ANDRÉ CARNEIRO

A solidão é larga no teu peito.,
Carregas contigo paredes,
sólida argamassa de cimento e ódio.
A solidão é larga no teu peito.,

**Tua infancia banhou-se nas lagóas.,
A chuva e o vento marcaram em tua face
Um caminho intransigente e áspero.,**

**Teus músculos são rijos
De transportar angustia.,
Tua mensagem
Tem arestas cortantes.
Tua voz é um sabre
Penetrando os ouvidos,
Um funeral de sombras.,**

**A semente é rude,
O tempo longo.
Reguemos a terra,
Para a seara difícil.,**

me sentir, durante três segundos apenas, emocionado com a paixão dos meus heróis". No seus cadernos de apontamentos encontramos depois da sua viagem, êsse grito pungente: "que todas as energias da natureza que aspirei me penetrem e se exalem no meu livro. A mim, força da emoção plástica! Ressurreição do passado, amim! É necessário fazer com que o Belo seja vivo e verdadeiro, de qualquer maneira!"

Viva e verdadeira, de qualquer forma, essa paixão, com estrita e consciente aplicação de toda uma doutrina de arte, não deveria ser entretanto essencial aos olhos da crítica. Se alguns disseram que "Salambô" é um poema em prosa, nenhum dos que Flaubert esperava a adesão, lhe concedeu plenamente. Não falemos dos arqueólogos profissionais que consideraram má a erudição do autor. De resto, não sendo arqueólogo, Sainte-Beuve não lhe poupa as asperezas: "Flaubert descreveu uma civilização punica de alta fantasia. "Salambô" é uma espécie de breviário de arqueologia para uso das pessoas de sociedade". Na realidade, se insistirmos com essas ninharias, o acentuado ardor de Flaubert pela Antiguidade não será, no fundo, o gosto transposto pela metáfora e pela poesia? Já que lhe negam a qualidade de erudito, todas as críticas podem se cevar livremente, inclusive a de Brunetière que acusa o escritor de "falsear a verdade", de sacrificar "a preocupação da verdade" pela do estilo". A isto Flaubert replicou que não é tão pedante assim para preferir frases a seres. Podemos concluir dessas controversias que os dois mestres da crítica nada compreenderam do imenso

esforço do escritor? Sem dúvida Louis Bertrand acertou quando, muito mais tarde, escreveu a propósito de Sainte-Beuve: "talvez que esta quente e selvagem África estivesse muito acima da competência de um pequeno burgues de Montparnasse, que pouco saiu do seu bairro e nunca viajou. Flaubert sabia muito bem que existe alguma coisa mais forte do que o tempo e as subversões de impérios. É a alma de um país que sobrevive indefinidamente nos homens que o habitam". Não nos enganemos, e esta alma que palpita em "Salambô", a despeito da alta fantasia denunciada por Sainte-Beuve, muito embora equivocados e enormidades a que o próprio Flaubert se espantava, apesar dos anacronismos e contra-sensos históricos. Alguns anacronismos são certamente muito evidentes. "A flôr na orelha em sinal de alegria" é um costume da Idade Média. O cacto

"TENTATIVA"

Recebemos o número 4 de "Tentativa", jornal literário que se edita em Atibaia, São Paulo. Como sempre, escolhida colaboração, já, uma afirmação.

"CRONOS" 5

Publicação bi-mestral de cultura. Direção de Léo Rodrigues de Almeida que neste número reuniu interessantes trabalhos. E nos dá uma boa revista.

"PROMETEU"

Recebemos o número 6 de "Prometeu", revista ilustrada de cultura, que se edita no Porto, em Portugal. Trata-se de uma publicação de alto nível cultural.

de que fala Flaubert, originário do México, só foi conhecido depois da descoberta da América. O aloe, também. A grande laguna salgada, tantas vezes citada, não existia na guerra dos mercenários. Cem anos depois da morte de Salambô, ela era ainda o golfo de Utica. "Para te obedecer, descerei pela caverna do Hadumeto, ao pé das montanhas", diz Matho a Salambô. Mas, as catacumbas são de origem cristã, Matho não podia conhecê-las.

Mas, que imponha tudo isto? "Salambô", em breve nonagenária mantém-se firme, apesar dos seus exageros e contra-sensos, muito embora, a sua espantosa miscelânea de exatidão e poética, de profusão e de sobriedade. "Nunca se deve ter medo de exagerar, está ainda na correspondência de Flaubert. Todos os grandes homens fizeram isto: Miguel Anjo, Rabelais, Shakespeare, Molière. Isto, é singelamente o

"JORNAL DE LETRAS"

Já anda nas bancas de jornal e livrarias o n. 4 de JORNAL DE LETRAS, um dos suplementos mais bem feitos do país, dirigido pelos irmãos Concé.

Não só pela apresentação gráfica, mais ainda pela riqueza de colaborações, a referida publicação vem despertando o mais vivo interesse nos meios intelectuais, tanto do sul como do norte.

INSTITUTO BRASILEIRO DE FILOSOFIA

Ao que nos foi informado, foi adiada para os primeiros dias de novembro próximo, a fundação do Instituto Brasileiro de Filosofia, em São Paulo.

genio, no seu verdadeiro centro que é o enorme".

(Conclusão da pag. seguinte) amor "em mistura com a morte" misteriosa e implacável, porém semelhante inversão de valores se afirma porque conhece aquela "lembrança de luz que a poesia inunda". E isto fascina e merece mais que uma simples atenção.

Como classifica a poesia, em si mesmo, o autor de "As imaginações"?

"O segredo que, em
[nossas mãos,
não ousa pronunciar-
[se,
tem-no a chuva sobre
[a cidade,
tem-no a água antes
[dos rios
nas fontes que sonhar-
[mos".

"Os versos, como os filhos, devem ser feitos no escuro como um ato de amor"... Tais versos, tomando duas direções distintas no tempo, "convidam-nos ao suicídio", fazem os nossos "rostos reintegrados em uma paisagem de populações noturnas", somos como que propulsados ao desconhecido que todos trazemos em nós; "passaros sem nome", tornamo-nos o ser ignorado, o ser avolumado, o menos próximo de Deus, o mais áspero homem que tem o poder do pudor que já mais ansiamos.

"Ode ao Crepúsculo" me trouxe um Léo Ivo novo, não aquele que eu conhecia perdido nas próprias trevas por êle criadas. Me trouxe um Léo Ivo que possui o mistério dos movimentos, "ordenados pela duração da vida", o Homem que desconhece os pecados. Léo Ivo, neste seu último livro, em que nem tudo me agrada procurou entender o âmago das coisas que nos rodeiam e chegou à triste conclusão de que as coisas são inocentes e "só se realizam nuas"!

POESIA NOVA

LÊDO IVO

REYNALDO BAIRÃO

I

ESCREVER sobre Lêdo Ivo amedronta. Não por causa da originalidade, nele rebuscadíssima, algumas vezes. Porém por causa da sua exuberância. Que estarece. E apaixona o leitor menos avisado possível. De fato, no autor da "Ode ao Crepúsculo", há muita exuberância, num caudal de jogos rítmicos, e melódicos, os mais virtuosísticos e diferentes e pessoais, de tudo quanto temos tomado conhecimento ultimamente. E tais jogos são pouco facultativos, o que lhe empresta duração, conhecimento, manejo, transcendência, e imediata aceitação por qualquer público-leitor.

Vantagem? Sim, muita. Já não é de hoje que o artista se divorcia cada vez mais do consumidor. Ainda recentemente, Roland Carbisier nos lembrava o Beethoven dos últimos quartetos, Proust e Stendhal, artistas não aceitos em suas épocas, por estarem demasiadamente avançados em relação a elas. Vantagem? repergunto, visando ainda Lêdo Ivo. Sim, muita vantagem, uma vez que a comunhão, em arte, não só se torna dia a dia, mais "necessária", como também, pela construção séria, semelhante "necessidade" se estriba na revolta que hoje todos intentamos: dar um fim ao "desvarismo", aproveitando tão somente o que de único, como aprendizado, nos foi emão legado.

E nesse sentido Lêdo Ivo leva a vantagem sobre os que vêm surgindo agora, trabalhando com esforço para uma reinvia-

dicação estética que, há muito, já se processara na Europa e na América do Norte. Pois pela poesia, Lêdo Ivo nos remonta ao século dezanove, ressuscitando, a sua maneira, a tendência existencial que todos encontramos hoje, um pouco em cada um de nós, atônitos, desesperados, pedra em cima de nossos pulsos, passividade.

O que mais me preocupou em "Ode ao Crepúsculo" foi o pavor que o poeta sente ante a vida, doutrinando-a otimistamente. A sua subjetividade nada tem que ver com a outra subjetividade (a — y) que está sob o mesmo nome. É uma partida em feito para a própria subjetividade do indivíduo em relação às coisas que o cercam. E porisso mesmo

subjetividade baseada na razão estritamente antagônica ao conceito de Durkheim. Ele despreza, numa terminologia especializadíssima, o materialismo, fundado como está sobre o que é inabalável e irremovível e irremediável. Vislumbra regedores — humanos, como o porta-estandarte rilkeano com os seus valores distintos do regimento material. E soluciona, por fim, terminantemente, que o mundo é um só, as variações são impossibilitadas por elas mesmas, e as coisas aparentes são bem diversas da descrição que nós lhes damos. Concluindo o livro, temos então de admitir a existência em si mesma, e, como disse Sartre, em seu manifesto, "isso já é um sucesso".

"L'engagement existencialiste est arbitraire".

Lêdo Ivo, para nós, com a utilização de figuras meramente metafóricas (tais como "o amor", "a amada", "a morte", "o desespero", "a desesperança", "a permanência" "a própria escolha"), promulgou a junção muito feliz do arremesso poético-desinteressado e o conceito filosófico, tomista, de que arte (aqui, poesia) é uma forma de conhecimento em si. E, penso, que a felicidade deste seu livro está aí categorizada: no afastamento completo da identidade das condições gerais onde a vida tem evoluído, pelo afastamento mesmo, rapito, da dupla similitude que a estrutura requer. "A existência precede a essência" (Sartre). Isto é a antítese do conceito de "adaptacion" bergsoniano.

II

Indo ao encontro de "Ode ao Crepúsculo", encontro desleixos, desmazelos, fotografias, algo "euro selvagem" que "se esconde... doce e antigo", jámais por nós outros pleiteados. Entretanto, ao contrário de se tornar sempre um defeito, em Lêdo Ivo se torna uma qualidade. Essa desesperança que sempre encontro em seus versos, me fazem sentir que há algo psicológico em seu transbordamento, em seu deixar-se ir frenético, e absolutista — afim-de o seu amor ser uma "coisa feita de silêncio". O fato de não haver síntese em seus poemas não é algo mais atacável que o que acontece em Eliot. Ele canta, visita, traz o transcendentalismo do seu (Conclui na pag. anterior)



MATISSE — RETRATO DE MULHER

AUSENCIA DO HOMEM

JEAN KANAPA

TODAS as artes têm seguido — com um atraso inerente, de resto à própria eminência delas — a evolução social do homem, e por vezes até a evolução política. Todas, menos a pintura, que se conserva decididamente a-social inatual, "inumana". Parece desejar manter-se à margem, desinteressar-se da hostilidade do mundo para com o indivíduo, da luta deste contra a vida da natureza, contra a vida dos homens.

E todavia é esse combate que é o homem. Enquanto, por todos os campos, surge uma era de humanismo, humanismo moderno, mais ou menos revolucionário, a pintura não fala do homem e pinta o anodino.

Por que?

Por ter o acadêmico o cartaz publicitário ou a propaganda? Mas houve certos Gauguins, houve o "Massacre de Guernica", houve a miséria do "Velho Judeu" para citar só esses — e não há, quer em Picasso, quer em Gauguin, o mínimo sinal de academismo. Será que a técnica da pintura não está suficientemente desenvolvida para integrar no olhar de um homem, ou colocar no campo de um olhar, o infinito de desejos, o ódio, que constitui, para ele, o mundo que o submerge? — e isto sem fotografismo, sem voltar às velhas técnicas nem à cópia de Breughel ou Nicolau Froment, sem produzir esses cromos nacional-socialistas, nos quais, obrigatoriamente a fresco, enormes arianos em

pelotas, louros e dourados monos do contraplacado, brutos construtores, erguem colunas e içam traves, todas desesperadamente retílineas.

Por que?

Há que reconhecer: a pintura não encontrou público, ficou aristocrática. Por várias razões, está separada do grande público, que não pode penetrar no santuário, não pode fazer uma "encomenda" ao artista. Reparem na gravura: a natureza da sua difusão, desde o próprio Daumier, permitiu-lhe encontrar o homem para não mais o largar. Por isso o conhece e ao seu mundo e à totalidade de aspectos da sua condição de homem. A pintura ainda é burguesa e da alta burguesia.

Afastada dos homens, da multidão.

É conservadora — fala-se aqui é claro, da maioria dos quadros — porque possui um único ideal ético: a tranquilidade. Antes de mais nada, a tranquilidade de espírito do espectador.

Necessário seria, nesta altura, delinear a psicologia do "amador de pintura"; e descobrir-se-ia que o amador entra num Museu ou numa Exposição como num templo acolhedor, num refúgio contra as inúmeras reivindicações da multidão hostil, e que vai procurar, lá dentro, um alívio do seu medo latente, a que chama equilíbrio ou unidade de espírito. Deste público é justo dizer-se que procura na obra de Arte uma evasão, uma fuga.

Necessário seria, ainda, delinear a correspondente psicologia do pintor que — e uma análise socio-econômica nos mostraria a causa — anseia isolar-se, não tomar parte nas realidades sociais e políticas do seu tempo, conservar-se "puro", e que confunde a conquista da Beleza com a do mister perfeito. A pintura "pura" é uma ilusão análoga à da poesia pura. Ambas representam, de fato, um momento necessário da evolução da técnica, uma igual hesitação perante o modo de expressão. Mas não é de mais repetir: a pintura chamada "pura" não é toda a pintura: é a auto-mentira do pintor em face da sua própria existência social, a injustificável fuga — injustificável mesmo do ponto de vista do Prazer visual, em nome do qual é defendida a Pureza — perante a brutalidade das necessidades quotidianas.

Dirão estar-se, aqui fazendo "literatura" com a pintura. Mas mais vale reconhecer que toda a Arte contém uma ética — e que essa ética evolui com a história como qualquer ética.

Pois bem: enquanto o "povo" — de quem Saint-Pol Roux dizia que "tem humana sede de Beleza e o direito a ela" — não tiver o direito de contemplar as telas; enquanto a inspiração do artista não nascer dos desejos, violências ou alegrias dos homens que lutam e sofrem pela vida; enquanto o pintor se desinteressar de um mundo que, apesar de tudo, é o seu; enquanto

o Tema, numa palavra, não for Humano — a ética da pintura manter-se-á atrasada em relação à ética contemporânea desse público que deveria ser o seu público, em relação à própria ética das outras Belas Artes, e a pintura não atingirá uma plena realização, o seu autêntico e concreto destino.

Não é preciso que os pintores se toquem. Pintores do Povo, como certos querem ser Poetas do Povo e só são poetas da facilidade. Refazer "Les Chatiments" é uma empresa ridícula; refazer "O Massacre do Chio" é inconcebível. Muito menos se trata de transformar a pintura em meio de propaganda, ao serviço de uma idéia ou de um partido.

Não. Trata-se disto, muito simplesmente: "falta" qualquer coisa à Beleza pictórica. Falta-lhe a expressão atual da realidade humana, o advento libertador do homem.

AINDA a editora Saraiva, de São Paulo, acaba de aparecer uma nova edição do popularíssimo romance histórico de Paulo Scutubal "A Marquesa de Santos", obra que, aparecendo em 1925, quando constituiu um verdadeiro "best-seller", incrementou extraordinariamente o gênero, entre nós.



NOTÍCIAS DE UM CENTENÁRIO

WILTON VELOSO

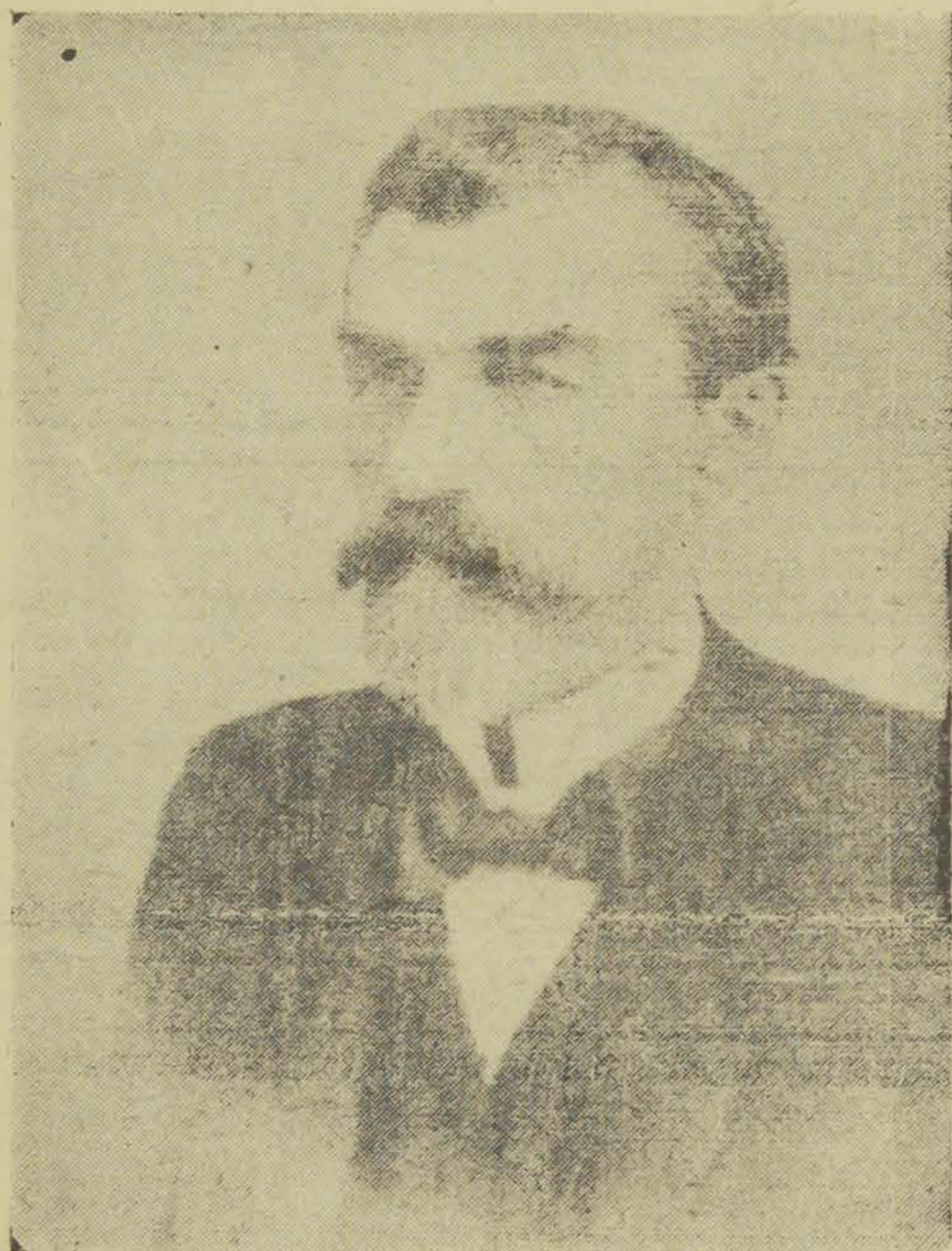
I

JUSTAMENTE agora quando a Paraíba comemora o Centenário de Nascimento de um dos seus mais ilustres filhos, — Antonio Alfredo da Gama e Melo, — é que nos ocorre uma necessidade maior de meditação sobre este homem que foi em vida o mais perfeito exemplo de grandêza moral e de verdadeiro homem público em toda a nossa história política. Não implica isto num anterior esquecimento do que êle foi ou do que êle representou de efetivo e de real para a nossa vida política e social nos últimos anos do Império e primeiros da Republica. Mas sim, pelo que estas ocasiões constituem como oportunidades magníficas e unicas para um maior e mais amplo conhecimento de nossa historia e de seus homens. E isto, quasi sempre, pelo sentido mais intensivo de divulgação de certos fatos imprevisíveis desconhecidos muitas vezes de nós por não se acharem revelados nos compendios comuns de historia e que aparecem agora, mais vivos e atuais, nos comentarios dos que lhe foram intimos, ou ainda nas confissões dos seus parentes e admiradores.

Não falarei, no entanto, de Gama e Melo trazendo uma qualquer contribuição preciosa e definitiva para o esclarecimento de sua vida e de sua invulgar personalidade. Minha intenção é muito mais modesta do que a de qualquer outro conferencista nestas comemorações de seu Centenário. Desejo mesmo não reivindicar para mim esta categoria de conferencista no rigoroso sentido desta palavra. E quero ser apenas, e tão

somente, um moço que pretende contar um pouco da historia simples e amena de um homem que foi, mais do que qualquer outro de seu tempo, um autêntico paladino da intelligência e da justiça social. Uma história simples em que não terei, por isso, nenhuma pretensão inge-

real fazer um discurso que preencha totalmente todas as lacunas, e que diante dos outros aqui proferidos nada fique a desejar. Mesmo porque, jamais diremos tudo exatamente tudo, sobre uma personalidade tão dinâmica e tão complexa, tão exuberante de vida e de sentidos imprevisíveis.



ANTONIO ALFREDO DA GAMA E MELO

nua de edificação moralista ou de reconstrução sociológica, mas que será apenas uma tentativa de mostrar, tanto quanto possível, todo um drama de uma intelligência em constante renovação, em permanente luta por uma maior perfeição dos ideais humanos, e que por isso mesmo, merece ser melhor conhecida e meditada tambem. Antes de mais nada, pois, quero confessar que não

como foi a de Gama e Melo. É que, como já disse alguém, o grande homem em literatura não é aquele que se presta para uma biografia, para um estudo, para uma análise definitiva de sua existencia, mas muito ao contrário, é o que se contigue uma quasi impossibilidade para o biografo, para o historiador, ou para o critico. Por mais que se fale, por muito que se diga, ficará

sempre um aspecto desconhecido, sempre ignorado de sua vida ou de sua personalidade que desafia a nossa argúcia, que foge fatalmente á nossa compreensão e ao nosso entendimento. Em verdade, toda a grande personalidade foge, quasi sempre, á qualquer ordenação das ideias e á imposição lógica dos acontecimentos. Sua diretriz psicologica é geralmente cheia de imprevisíveis, plena de atitudes desconcertantes, e de soluções perturbadoras. Inútil é querer enquadrá-los na mesma linha de ordem e de metodos dos meninos prodígios e da mediocridade bem comportada. Tudo neles é liberdade absoluta de ação, é exuberancia contínua de vida e de movimentos. Em Gama e Melo, pois, como em todos os espiritos superiores, a liberdade era, por assim dizer uma condição mesma de vida. E o temperamento jamais constituiu nele, em nenhum momento de sua vida, uma confissão ou uma vocação para escravo. Torna-se, porisso difícil, senão quasi impossível a tarefa de dizer a ultima palavra, absolutamente definitiva, sobre uma personalidade tão vigorosa e tão superior como foi a de Gama e Melo. Procurarei, no entanto, apenas contar a meu modo a sua história, para depois dela extrair a lição inconfundível de suas experiências intelectuais e politicas, que sirva para orientar nos dias atuais, pela inspiração magnífica dos seus exemplos, a nossa geração tão incerta e tão insegura dos seus destinos. E parece mesmo certo, como disse certo escritor, que "devemos falar de um mor"

to, sempre num tom que ele estimasse, sempre com palavras e recursos que não pudessem chocar a sua própria maneira de ser". De Gama e Melo, por exemplo, deveríamos falar da maneira mais simples e modesta possível, porque a simplicidade e a modestia constituíram sempre uma espécie de segunda natureza, e foram, durante a sua existência, os traços essenciais do seu caráter.

E nisto Gama e Melo foi realmente um verdadeiro mestre da arte de viver. De viver com simplicidade e com sabedoria. Como um novo Montaigne provinciano em que nada lhe faltava, desde a força e o vigor de sua personalidade até mesmo o sabor insubstituível de seu humor e de sua inteligência.

Há realmente uma infinita sabedoria, uma filosofia mesmo, muito mais penetrante e muito mais lúcida, que decorre justamente de modo irrecusável de certos fatos e de certas pessoas. É lamentável, porém, que tudo nos indique nos dias presentes, um processo mais espinhoso e mais complicado nas relações humanas. Refletindo-se nos eternos conflitos sociais e na permanente luta dos grupos e das classes, fazendo-nos crer numa impossibilidade de um melhor entendimento entre os homens, que por sua vez aperfeiçoam os meios e a técnica da extermínio coletivo que variam entre o simples lança-chamas e as "inocentes" experiências com a bomba atômica. E isso levou Bernard Shaw a dizer que de todos animais o único que ainda não aprendeu a viver foi o homem. Ensinando, também, como antídoto à essa complicação muito doentia e muito nossa que "um jardim nos comunica muito melhor o sentido da verdade e da vida do que todos os livros da Biblioteca do Vaticano". E

que o melhor curso de aperfeiçoamento moral que poderíamos fazer seria vivendo alguns dias junto a uma fonte, a uma floresta, ou a um casal de pombos...

É pois na meditação da vida de um homem da estatura moral de Gama e Melo que estas reflexões se tornam ainda mais pungentes e mais dolorosas em face das terríveis realidades que assistimos todos os dias. Em verdade, há indivíduos que têm mais conforto, mais facilidades conferidas pela técnica e pela civilização do que possuiu no passado um Crasso ou um Patronio, mas que infelizmente trazem na alma certos defeitos que poderiam muito bem ser contemporâneos dos Hunos ou descendentes de Alarico. As incríveis espertezas de um Ubirajara Sales ou as aventuras meio canibalescas de um tenente Serpa, em pleno século XX, ultrapassam de longe, às dos célebres bandidos da Calabria ou de Casbah. Com uma diferença apenas: a de que no passado havia nos crimes um certo fervor romântico, uma nota suavemente poética até mesmo quando se matava ou roubava, enquanto hoje, o que vemos é o requinte de selvageria, fria e calculada, que é o processo quasi sempre sordido e repugnante no assassinio das vítimas, utilizado perversamente por esses elementares facínoras. Isto nos mostra, também, que muito pouco ou quasi nada progredimos no terreno moral. Que de muito pouco nós tem servido o progresso material para abrandar esse furor quasi primitivo de destruição e aniquilamento que possuem algumas criaturas deste nosso mundo. Esta é, entretanto, a grande e lastimosa verdade que deve ser dita e proclamada. Mas deixemos agora estas considerações que somente em parte interessam ao nosso fim e

voltemos à Gama e Melo para que a sua história seja, apesar de tudo, o nosso refúgio e a nossa consolação.

Antonio Alfredo da Gama e Melo nasceu na Capital da Paraíba no dia 1. de Outubro de 1849 e era filho do velho prontamente dessa simplicidade professor de latim do Liceu Paraibano, Severiano Antonio da Gama e Melo. Sua infancia decorreu relativamente calma e serena naquele sobrado da Rua Direita. Correu mesmo como a de qualquer outro menino do seu tempo e com um pouco dos meninos de todos os tempos: "rei do bodeque, sujo e descalço", como na imagem do poeta. Tendo concluído seu curso de humanidades no Liceu Paraibano, matriculou-se logo depois, na Faculdade de Direito do Recife onde teve como companheiros Castro Alves, Joaquim Nabuco e Cardoso Vieira. Isto no ano de 1869, com a idade portanto de vinte anos apenas. Em 1873 terminou o seu curso de Direito tendo antes, porém, perdido o seu pai que faleceu sem o prazer de vê-lo formado. Esta dolorosa perda obrigou-o de certo modo, a enfrentar serias contingências para a luta pela sua própria subsistência. Levando-o a candidatar-se à cadeira de Latim do Liceu Paraibano, e neste concurso, feito aliás com brilhantismo, e para o qual apresentou e defendeu tese, obteve ele o 1.º lugar, sendo pouco tempo depois de sua aprovação, nomeado para a respectiva cadeira.

E assim, veio Gama e Melo do Recife para a Paraíba onde instalou o seu escritório de advocacia e iniciou concomitantemente as suas aulas de latim no Liceu Paraibano, como professor catedrático. Aqui, começa verdadeiramente a sua história. Na política, quero dizer, porque foi na política que ele encon-

trou realmente a sua vocação e o seu destino.

E poucos teriam imaginado, entre os estudantes do seu tempo, que aquele professorzinho de latim, de aspecto humilde, ainda mais modesto do que humilde, representaria mais tarde um papel dos mais importantes em toda nossa história política. Ou seria, como disse Coelho Lisboa no seu necrologio, "o fator decisivo da republicanização de seu Estado". E neste sentido Gama e Melo pertencia àquele mesma raça de homens a qual pertenciam também um Castro Alves ou um Joaquim Nabuco: a dos que separam a missão da inteligência da sua condição de homem, a dos que conservam a naturalidade pessoal em face mesmo dos sucessos e das glórias políticas. Como nos versos de Kipling, ele seria desses homens capazes de estar "entre as multidões sem perder a personalidade, e de caminhar de par com os reis sem perder jamais a noção de humanidade comum".

Imagino, e quasi estou mesmo a ver, através daquelas salas e corredores que também tantas vezes percorri, a sua figura austera, de complexão franzina e de olhos azuis, pequenos e vivos, — como o descrevem documentos da época — mas de uma simplicidade de amanuense apresentado. Com a diferença apenas de que, no meu tempo, quem ali palmilhavam eram as figuras bem inesquecíveis também do conego Mattias Freire e do Dr. Benevides, e de que como complemento fatal dessa paisagem humana, tão sordida e tão pungente, encontrávamos o velho "Fulô", o servente Januário e o negro João, que numa quasi conspiração amiga dos alunos, cochilavam e valiam para somente acordarem, e bem sopressalitados, com o bando da sineta pelo conego Luiz,

e com o vozerio deliciosamente acanalhado dos estudantes. E este era o sinal que representava para nós a liberdade, a alegria de retornar á ela. Alegria que a todos contagiava terrivelmente porque significa o golpe de misericórdia numa aula "chata" de física ou de latim em que seríamos arguidos fatalmente para a nota do mês. Significava também a volta para as escorregadelas sensacionais, com velas nas calçadas da Praça João Pessoa, e onde as vítimas eram quasi sempre a velha "Pombú", o Padre Nicodemus, ou mesmo qualquer transeunte desprevenido; ou significava ainda o regresso do namorado de muita normalista gaziá e impaciente, para os intermináveis sorvetes no Pavilhão do Chá, onde ouvíamos deliçadamente sempre o mesmo disco de Gastão Formenti, que começava mais ou menos assim:

"A vida é uma oração
[muito comprida...]"

Bem sei que estou fugindo um pouco ao que me propuz fazer aqui, porisso quero me penitenciar desta falta que embora imperdoavel para vós, tem para mim no entanto um sentido mágico, e o sabor inelutavel de uma adolescência descuidada, sem grandes angustias e sem outros problemas que não fossem os da própria mocidade. E como quasi todas, uma mocidade cheia de aventuras irresponsaveis, em constantes rebeldias e em permanentes conflitos com os que não justificavam os seus excessos ou não lhe aceitavam as suas irreverencias, quasi sempre espontaneas e impulsivas. Acredito, pois, que a geração contemporanea de Gama e Melo não tenha sido mais comedida em suas paixões, ou ainda menos bulhosa e idealista do que a dos dias presentes. E isto é o que procurei

mostrar no decorrer da sua história que está toda refletida quer nas suas atitudes de homem público, quer nas ações de administrador admiravel que êle foi ou ainda no dinamismo e no equilíbrio do intelectual sempre combativo que êle mostrou ser em suas inumeras polemicas travadas pela tribuna da imprensa.

Ingressando na politica Gama e Melo filiou-se ao Partido Liberal sob a liderança de Fezilarde Toscano de Brito, que teve nele o seu baluarte mais forte e a sua vigilancia mais intransigente. Iniciou ao mesmo tempo a sua atividade jor-

nalistica colaborando em jornais como "O Liberal" e "A Republica". No jornalismo ele exerceu uma das atividades mais fecundas do seu espirito e da sua inteligencia, dando o melhor do seu esforço e do seu emperamento combativo. Pois, jornalista sôfrego e verurante, polemista brilhante, combatendo infatigavelmente pelos ideais democraticos, tanto na Monarquia como em plena Republica, foi também Gama e Melo. Tanto assim, que dentro do seu Partido, em plena Monarquia, êle fazia parte de uma ala dos que combatiam a escravidão. E lutando pela abolição da

escravatura não deu tréguas ao inimigo e não esmoreceu um só instante até ser alcançada a vitória final. Teve como companheiros nestas lutas jornalisticas homens do valor e da capacidade combativa de um Cardoso Vieira, de um Aragão e Melo, de um João Leite e de um Padre Lindolfo Correia. Na verdade êle fez da imprensa o instrumento mais adequado e mais eficiente na luta pelas grandes reivindicações de justiça e dos direitos populares conspurcados. Dignificou a profissão de jornalista, conquistando para ela um lugar realmente elevado no seio da opinião pública, que passou a ter, desde então, um papel saliente na defesa das instituições, e na luta pelos ideais mais puros de fraternidade e justiça.

Poemas de

IRACEMA SPOSITO

ELEGIA AO PASSADO

PENSO em mim.
Penso em ti
Nos nossos destinos...
Penso no passado distante.
Raios de sol doirando primaveras
O mundo — estendal de flôres
Sonho — fantasia — ilusão.
A poeira dos anos ensombrando a vida...

Aurora e crepusculo.
Luz e penumbra,
Sonho e realidade.
E a máquina do tempo
Triturando as nossas esperanças.

2.ª PASTORAL

A brisa toça de leve os canaviais...
O sol espalha pinceladas de ouro nos teus cabelos.
[los.

Ha luz e calor nos teus olhos sonhadores.
Uma estrela reponta no infinito.
O campanario distante anuncia o fim da tarde...
Eu olho a estrela e sinto a emoção do dia que se
[vai...

Quando não mais brilhar o sol
O orvalho da noite raiará a tua face
E a corola rubra dos teus labios
Se abrirá num doce sorriso...
Depois... o sol retornará mais luminoso
Doirando os teus cabelos
Haverá cantos de primavera
E a natureza toda entoará salmos
Em teu louvor.



"ANGULO E FACE"

ESCOLHIDO pelo poeta Cassiano Ricardo, presidente do Clube de Poesia, acaba de ser publicado, com o titulo que encima esta nota, o caderno de poemas de André Carneiro, um dos directores do "Tentativa", de Atibaia, São Paulo.

E' o segundo volume da coleção "CADERNOS DE POESIA".

"ANGULO E FACE" que apresenta bôa feição gráfica, encerra ótimos poemas e nos revela mais um jovem poeta senhor de sua técnica.

"MORADA DE PAZ"

"CHUVA sobre a "semente" aparecido em 1945, foi o livro de estréla de Jorge Medlar.

Agora "MORADA DE PAZ", editado pela Editora Brasileira Ltda., vem confirmar, numa técnica mais segura as características do primeiro, isto é, um poeta poeta.

A A P O S T A

Conto de LINDUARTE NORONHA

Chico apanhou o pinhão e gritou para o Delcio:

— Vou lascá-lo de meio a meio...

Começou a enrolar, vagarosamente o pinhão com a ponteira, prendendo a língua entre os dentes, vendo já a derrota do amigo, sob a variação dos assistentes de calças curtas.

O silêncio dos "perus" acompanhava o movimento preguiçoso do Chico, e Delcio mostrava, mesmo no orgulho de campeão, receio de que viesse a fracassar. Seria absurdo, ele ser derrotado por um pirralho plehote e atrevido. Seus olhos desconfiados viram quando, finalmente, Chico enrolara o cordel no dedo, deu-lhe mais um arrôcho, e afastando-se para o lado, anunciou à meninada em roda:

— Vamos malocal! Para traz... Vão ver como se lascia um pinhão batuta, todo inchado e cheio de proza...

Delcio riu-se forçado. O orgulho ferido deveria ser reintegrado diante dos admiradores, diante de Judite... Foi levantando a vista, aos poucos, sem gesto, e encontrou-se com o rostinho de Judite, calmo, contemplando silenciosa o desafio dos dois cavalheiros. Ela era sua namorada e havia pedido que tivesse paciência em face dos tempos, prometendo-lhe para algum dia, quando usasse calças compridas, lava-la como a tia Marlêta e o Joaquim, aos pés do padre Juca, toda vestida de branco e colocar-lhe, envergonhado, um anel

de ouro bonito. Tinha a certeza que Judite lhe queria bem. Era admiradora de sua força, da maneira agíl de caçar passarinhos, saltar pinhão, nadar no açude, subir nas mangueiras, empinar curuja, andar sózinho pelo quintal em noite sem lua. Os outros meninos de sua idade não faziam isto. O Chico, agora cheio de coragem, dormia com a Dinda, com medo de lobis-homem, padre sem cabeça, napa-figo, alma...

Recolhia-se às seis horas, rezando debaixo dos cobertores, à Virgem Maria, para esta afastar os bichos do outro mundo. Não era possível uma derrota naquele momento, por um pirralho da marca do Chico, medroso, e além disso mais atrozado do que ele.

— Lá vai, minha gente! Gritou o Chico, preparando pontaria. O pinhão de Delcio lá estava no chão, bem enver-

nizado, torneado, feito a capricho pelo João Mola da serraria. Houve um silêncio e o pinhão do adversário, rápido, caiu em cheio sobre o inimigo, ao som fraco do encontro das duas madeiras.

Ambos saltaram a alguns metros e a meninada correu para lá. Delcio, com o coração aos pulos, foi o primeiro a chegar e notou logo, um deles partido ao meio. Levantou umas das bandas. Era o seu. Não! Um pinhão de confiança feito de madeira de lei...

Chico reconheceu logo a vitória:

— Não disse turma! Acabou-se a goga do Delcio... Lasquei seu pinhão de lei!

Os olhos de Delcio, pela segunda vez encontraram-se com os de Judite.

Notou a diferença na carinha dela. O cachimho de cabelo louro que pendia sobre o olho es-

querdo, não representava mais o peixinho de ouro dado pelas fadas. O vestidinho de chita não parecia também com o manto encantado da Gata Borracheira. E ele não era mais o príncipe a espera das calças compridas, para lavá-la ao altar e casarem-se diante do padre Juca.

Riu-se forçado e disse para a meninada:

— Não é nada: amanhã vou pedir outro ao João Mola, e vou lascá-lo de seu, seu besta...

XXX

À noite, enquanto o Chico dormia debaixo dos lençóis, com medo das almas do outro mundo, rezando à Virgem Maria para afastá-las, Delcio fazia uma oração à mesma Virgem, pedindo-lhe para que não afastasse dos seus olhos, Judite, por causa da derrota sofrida. Implorava, também, um pinhão mais resistente e que esta lhe dissesse, em sonho, qual a madeira boa para a fabricação de um inquebrável. Ficou a olhar, pela brecha deixada por descuido na telha, a cara da lua cheia passeiando pelo céu. Junto dela, uma estrela brilhante. Delcio pensava ser a Virgem olhando para as florestas do mundo, a escolha de uma madeira para seu pinhão. O restante das estrelas era os diamantes no vestido de Judite, faiscando na igreja.

O coração do menino-homem, desta vez, vacilou. Virou-se para o outro lado da cama, embrulhou-se da cabeça aos pés — não com medo da cuca.

Chorava.

Ultimas Edições

LIVRO sumamente útil é o que acaba de publicar a sr.^a Wanda Ferraz (ed Saraiva) sob o título: "A Biblioteca." Trata-se de uma guia preciosa para todos os bibliotecários e os que desejam organizar suas bibliotecas particulares. Em nosso idioma parecemos que não havia até agora nada semelhante.

A Editora José Olímpio acaba de publicar, com prefácio do general Cândido Rondon, a segunda edição de "Índios do Brasil", interessante livro do Coronel Lima Figueiredo.

O Alimento dos Deuses", romance fantástico de WELLS, um daqueles que melhor caracterizam a imaginação do escritor inglês, sempre baseada em pontos de referência, acaba de aparecer em tradução portuguesa, na coleção Saraiva (São Paulo.)

DOIS amores em uma vida", romance de autoria da sr.^a Alcida Moriz, publicada pela Editora Brasiliense de São Paulo, narra a história dos sucessos de um grande cirurgião desde o início de sua carreira, cheio de dificuldades, até sua vitória final.

A Literatura Americana e John dos Passos

RAIMUNDO MARANHÃO AYRES

PARTINDO do convencionalismo vitoriano, a moderna literatura americana, teve como marco inicial as influências da poesia de Walt Whitman, por volta de 1912. Apegou-se haver sido nessa época que, surgiram as manifestações, mais fortes de reação contra a escola romântica, as autênticas demonstrações de novas concepções estéticas, especialmente com referência aos romances e às novelas, deixando os moldes antigos para vislumbrar num ambiente novo e propiciador de reformas, outra técnica, trazendo um estilo novo, embora mais impregnado de ceticismo.

Uns, acentuam a primazia de renovação, por Frank Norris, outros no entanto, como Morton Dauwen Zabel, informam-nos haver sido Edith Wharton, a escritora de "The Century of the Country", uma das que primeiro tentaram e realizaram "uma severa análise das imposições e falsidades da era milionária", tendo, exposto nessa obra "a corrupção de nossas mais antigas tradições morais e as paixões ignominiosas do poder social e financeiro".

Há ainda o grupo dos que proclamam Ernest Hemingway, como o valor primordial de tão ruidoso movimento, que ficou denominado como o período de transição, a fase heróica do renascimento da moderna literatura americana.

Antes da Guerra de 1914 o realismo que havia redoptado para o neo-realismo ou neo-naturalismo de intenção francamente social.

Muitos são os nomes representativos desse movimento, dessa fase

em que as narrativas "yankees", sofreram as influências da Grande Guerra, mormente após a participação dos Estados Unidos no conflito. Essa foi sem dúvida a causa principal, que ofereceu ao romance americano, essa nova feição puramente social.

Os combatentes do capitalismo, procuraram não mais uma feição extremamente análoga às formas anteriores. Buscaram encontrar motivos, nos reflexos da vida objetiva, nos fatos verificados nas ruas, sergistas, descobertos nos clubes, encontrados nas estradas, no cotidiano da agitação citadina ou no complexo da vida burguesa.

Inegavelmente Hemingway, foi um dos pioneiros do romance na sua terra, com personagens sufocados, homens torturados, paisa-

gens negros, o lado triste das coisas, as asperidades da vida, finalmente.

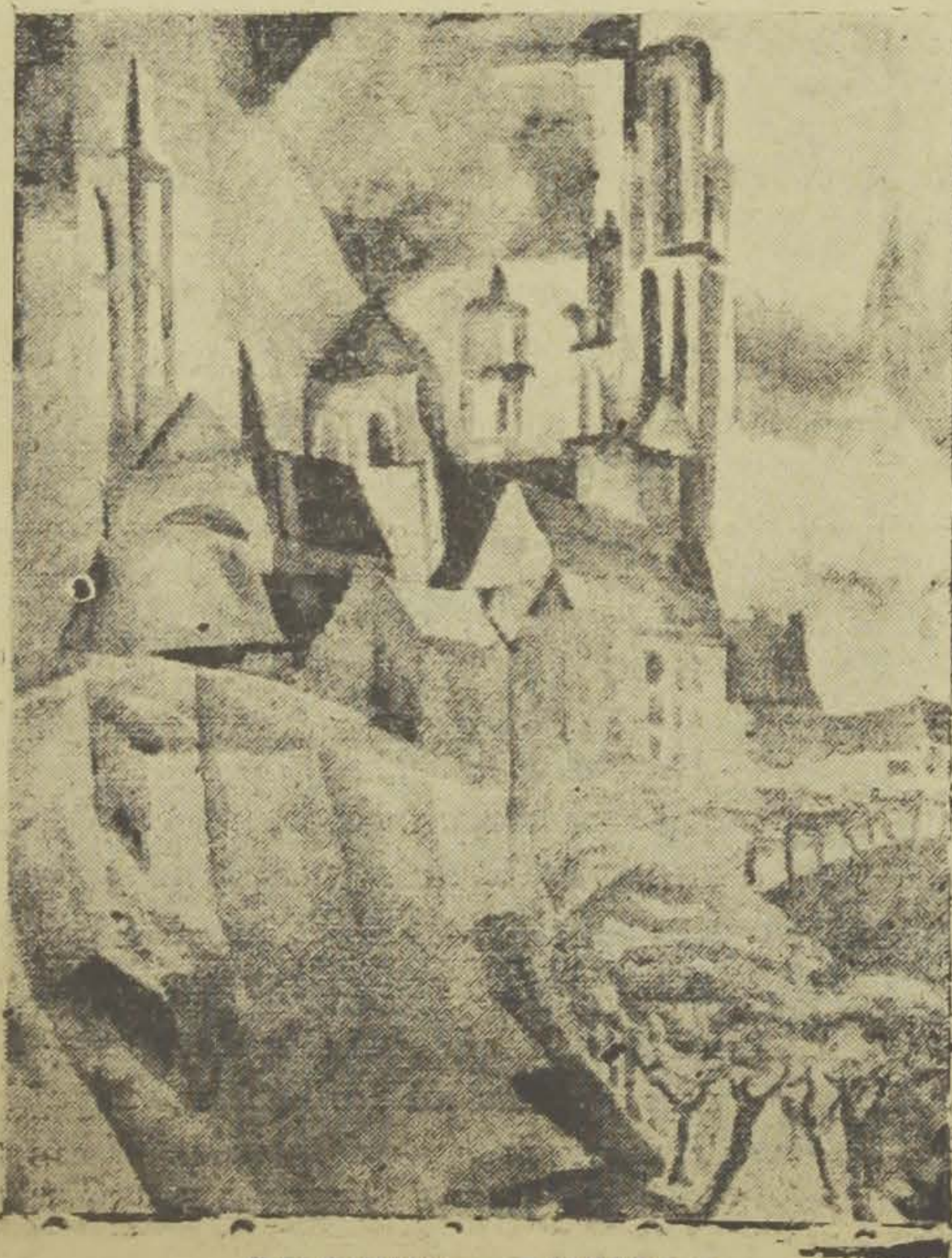
Theodore Dreiser foi um dos mais fortes adeptos e um dos mais destacados focalizadores desses dramas, dessas tragédias especialmente naquele formidável "Sister Carrie", que ao lado de outros como "The Genius", pronunciavam outro grande livro, sobre os mesmos motivos, já, mais ampliado pelos recursos e melhorado pela técnica — "American Tragedy". William Faulkner autor de "The sound and the fury", "Sanctuary" e outros livros de grande expressão evocando esses contrastes da vida americana, foi um dos que mais alto subiram, alcançando uma projeção formidável.

Outros formaram nesse grupo luminoso de talentos, de grandes esterior-

tipadores, finos analistas e fotógrafos de uma época sem precedentes na história da pátria de Poe. Figuram nessa lista nomes como o de Eugene O'Neill — o dramaturgo que escreveu "Anna Christie" e "Dias sem fim", Thomas Wolfe — que produziu "Of time and river", no gênero de Hemingway; Scott Fitzgerald — vigoroso escritor, simpático aos filhos da pós-guerra da "idade do jazz", deixou-nos livros que lembram aquela época e que bem definem a sua curiosidade de interesse pelo procedimento social americano, destacando-se "This Side of Paradise" "The Great Gatsby"; John Steinbeck, cuja popularidade é conhecida através das suas várias obras, verdadeiras para nossa língua, como "Vinhas da Ira", "Boêmios Errantes" e outros foi um dos mais famosos colaboradores do realismo, desse tipo de literatura de evocação sociológica; Jayme Joyce, citado aqui e ali, apesar de mais tarde ter se naturalizado inglês, exerceu grande influência com o seu livro "Ulisses", publicado em Paris, em 1922.

Mas... dentre todos esses visionários, dentre todos esses escritores que levaram para os seus romances a psicanálise o ceticismo e as experiências da vida, sentida sob várias modalidades e em vários climas, um deles surge aos nossos olhos com maior significação — John dos Passos.

Escreve Alfredo Kazin, num estudo sobre esse afamado prosador "yankee" descendente de português que, "um capítulo da história moral da literatura americana chegou ao fim com Heming-



DELOUNAY — PAISAGEM

gway e a geração perdida e em lugar nenhum se pode ver isso mais claramente do que na obra de John dos Passos, que completa a história dessa geração e transporta os seus valores para o romance social de 1930.

Muitas são as obras de John dos Passos. Muitos e variados os gêneros por ele abraçados. Mas... dentre os seus valiosos e interessantes livros, pouco atingiram um grau de relêvo e sucesso, quanto "Thee Three Soldiers", "Manhattan Transfer" e os que formam a trilogia U. S. A..

Dos Passos venceu pela técnica e estilo mais aperfeiçoados, pessoais e sublimados, tanto Hemingway como Faulkner, Steinbeck ou Frank Norris, Dreiser ou Wolfe, porque "ê ele alcançou, já um grau de cristalização que oferece sólidos pontos de apoio a quem se aventura pelo seu território". A. Rolmes Barbosa).

O Grande romancista que trouxe para as suas produções, uma forma toda própria dos diálogos despresando nas narrativas, os comentários, onde tudo é direto desempenha assim uma função precípua nessa nova modalidade ficcionista por Faulkner ou nista freudiana, cheias de realismo, diferenciando-se todavia das normas empregadas por Faulkner ou Caldwell, embora que, todos tenham estudado a degenerescência social.

Foi um dos que mais agudamente sentiram e retrataram o drama social americano, mais intensamente observaram o conflito e se "entregaram sistematicamente á crítica da injustiça e do desequilíbrio social". (M.D. Zabel.)

E essas qualidades nativas do seu temperamento eram envoltas daquele lirismo de Walt Whitman, o cantor máxi-

mo da poética modernista dos Estados Unidos.

Embora John dos Passos possuísse já o seu vigor estilístico e trouxesse uma visão diferente dos que se lhe precederam, foi atacado e incompreendido. Movimento de reação, é claro, porque ele veio usar uma técnica em desacordo com a época, estranha ao período de novas vibrações. Mas o que vem em verdade se verificou especificamente com relação a trilogia U. S. A., foi a exibição de juxtaposição de imagens, elevando-a até ao virtuosismo.

Sua intenção máxima foi realizar um romance de multidão extremamente variado na forma, ritmo desordenado, numa sucessão de quadros movimentados, estilo cinematográfico.

Há no seu "Manhattan Transfer", na opinião de Silveira Peixoto, "uma sequência de destinos a se entremear e a se entrechocarem — vidas para, afinal, constituírem os traços e os aspectos da verdadeira figura do romance — Nova Iorque".

Aliás o ser humano em Dos Passos, é a "individualidade emersoniana".

Se evocou em "Three Soldiers", um drama humano, cheio de passagens amargas, ficando

considerado por Klambund, como "o melhor romance americano sobre a guerra", em outros livros de sua autoria, esse mesmo vínculo, esse mesmo contraste, está dominante e bem característico.

E é curioso assinalar-se que o herói desse romancista, "é jovem que cai e é esmagado pela sociedade, mas nunca ludibriado".

Apesar de flexível a sua forma, variada a disposição dos livros, irregular o estilo, é considerado, "uma das estruturas de ficção mais seria que hoje empreendida por um romancista americano". (M. D. Zabel).

A escolha dos temas já define bem. Sempre preferiu evocar o drama dos derrotados, errantes, sofredores. Mas... sempre humanos, como os outros homens.

Gosta dos bolchevistas fracassados e a massa é sempre a protagonista de suas obras de fundo social.

As vezes não se pode afirmar se em seus livros existem verdadeiramente heróis ou simplesmente símbolos.

Entretanto o que se pode afirmar é que John dos Passos é um dos maiores romancistas, dos mais expressivos valores, dos maiores ficcionistas do rea-

lismo americano. São profundamente humanas as suas narrativas. São indiscutivelmente primorosamente coordenadas e descritas...

Para uma época de transição e ritmos acelerados, só uma técnica harmônica e análoga, poderia satisfazer e solucionar.

E para concluir esta modesta observação sobre o famoso autor de "Paralelo 42", salientemos aqui, algumas palavras do crítico e ensaísta brasileiro — A. Rolmes Barbosa, que pontifica: — "inquieta e desorientadora, a técnica literária de Dos Passos será, possivelmente a mais expressiva de quantas surgiram nestes últimos trinta anos".

REVISTA DA ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS

CHEGA-NOS as mãos o quinto volume da "Revista da Academia Paraibana de Letras" que tão bem diz do esforço e dedicação daquele grupo de escritores em prol do nosso desenvolvimento cultural.

O presente numero, além de seleccionada colaboração, insere, na íntegra, o discurso de posse do acadêmico Demócrito de Castro e Silva: "Mactiel Pinheiro — peregrino audaz", que merece ser lido.

FUGA

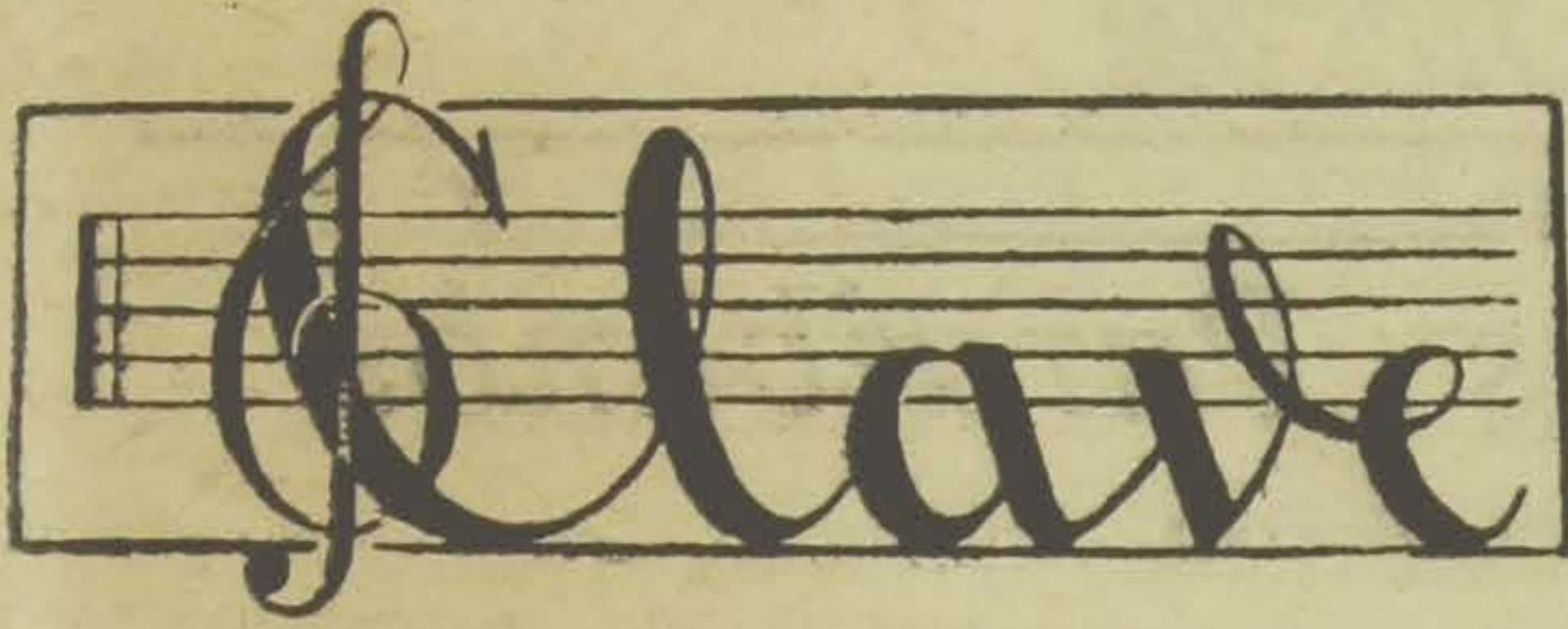
LADISLÁU PORTO

A tua ausencia me dá o
sabor das horas mortas,
e a impressão de águas paradas
e sem destino...

**Gera o mistério vazio
e sem formas de sonhos intranquitos,
que morrem e se dissolvem
dentro da minha "vivência"
dolorosa e eterna.**

"LETRAS DA PROVINCIA" I

RECEBEMOS o primeiro numero desse jornal literario de São Luiz do Maranhão que obedece a orientação dos srts. Ferreira Gullar e Lago Burnett. Esperamos que continue para maior divulgação dos valores locais.



O DIA DA MUSICA

JOÃO DA VEIGA CABRAL

O Primeiro Congresso de Música do Nordeste deliberou, em uma das suas sessões, sugerir aos poderes competentes a instituição do Dia Nacional da Música.

Da lembrança, tomaram conhecimento o Ministério da Educação e a Câmara dos Deputados. Foi bem aceita e está recoberto o estudo necessário para a sua efetivação. O dia indicado foi o do nascimento de Antonio Carlos Gomes. Desnecessária se torna uma justificação deste pormenor. Ele encontra pleno apoio na consciência artística nacional. Artística e histórica.

Havia mesmo entusiasmo em torno da idéia. Seria um dia maravilhoso, cheio de música, de manhã à noite. Concertos, conferencias, recitais, tudo ao Brasil e sobre o Brasil. Os nossos grandes compositores, suas vidas, suas obras, seus heroísmos pela nossa Arte seriam evocados e honrados. As associações musicais do País agitariam a opinião pública, de Norte a Sul, no sentido de que as comemorações se revestissem de um caráter verdadeiramente nacional. E delas só teriam a lucrar a educação popular, a cultura e o bom gosto da nossa mocidade.

Sobre o assunto, porém, acaba de chegar-me às mãos, por intermédio de um amigo, uma crônica de Mario Melo. Uma daquelas mais que deliciosas crônicas com

que Mario Melo, do Recife, Pernambuco, Brasil, América do Sul, escreve, todos os dias, para os jornais da Mauricéia, a fim de dar ciência ao mundo de que Mario Melo existe mesmo, de verdade. E é que sabe tudo que toda a gente sabe e mais o que ninguém pode saber. Ainda, de que é, além de grande arqueólogo, uma das mais interessantes curiosidades arqueológicas da literatura brasileira. É o bicho na sabença...

Pois Mario Melo, senhoras, desengavetou da volumosa cabeça de almanaque bertrand da incultura nordestina nada menos que uma copia integral de um decreto getuliano pelo qual ficou instituído o Dia da Música! É o que consta da crônica que acima mencionei publicado no "Jornal do Comercio" de 12 de Outubro deste ano. Mario Melo despeja o tal decreto fervendo, em cima do pobre 1.º Congresso de Música do Nordeste. E com que satisfação, minha gente! O Congresso não sabia daquilo. O Ministerio da Educação, também não. A Câmara dos Deputados, muito menos. Só Mario Melo sabia do decreto, da data e do numero que ele tomou: 21.011, de 1.º de Fevereiro de 1932! O Brasil, as Americas tem um homem desse e ignora. Que injustiça!

O sublime, o genial, o supremo catador de piolhos da historia nordesti-

na vem tratando — no seu artiquêe referido — com um desdém muito mal disfarçado ao nosso modesto congressinho de música. Com o sorriso magnânimo de um príncipe que aceita o presente de um criado, ele regista um voto de louvor à sua importante pessoa endereçado, num momento de inadvertencia. Apenas menciona esse voto, não para fim de agradecer aos louvadores mas simplesmente para lembrar aos que, em Pernambuco, não querem tomar conhecimento do louvado, que "ninguém é profeta em sua terra..." Nessa evocação evangélica a gente percebe uma queixa dolorida. Succede que as novas gerações de Pernambuco botaram agora para ler de verdade. E não toleram mais certas "culturas"...

Se já existe um Dia da Música que ele permaneça. Não ha necessidade de mais complicações a respeito. O que havia arquivado na gaveta cerebral de Mario Melo era uma lei mumificada, com a aquiescencia do seu proprio arquivista. Um arquivista que dispõe dos jornais de sua terra, nos quais divulga, todos os dias, uma porção de coisas absolutamente desinteressantes. Nunca uma palavra a seu respeito, lembrando o seu cumprimento, uma comemoração qualquer, se escapou da pena ilustre que agora vem lembrar esse decreto ao Congresso de Música, perguntando, ironicamente, se ele "está pedindo chuva no molhado" ou "se pretende modificar a data". Mas Mario Melo só queria di-

zer mesmo que sabia. Nada mais o interessa.

Decreto n. 21.011, de 1.º Fevereiro de 1932. "Determina que o dia 22 de Novembro seja comemorado como Dia da Música". A Sociedade de Cultura Musical da Paraíba tomou nota. E, pelo menos aqui em nossa terra, no dia de S. Cecilia esse decreto deixará de ser um documento dos mortos com que se enfeita a cabeça de um historiad...

X—X

ALBERTO DE OLIVEIRA
E OS MODERNISTAS

Interrogado em 1926 sobre os modernistas, Alberto de Oliveira respondia:

— Gosto muito de alguns. O maior deles é Guilherme de Almeida. Outro de muito talento é Ribeiro Couto. Outros, Cassiano Ricardo e Monetti. Leio-os e admiro-os. Manuel Bandeira é um tanto desigual. Tem, entretanto, trabalhos felizes e bem inspirados.

— E Mario Andrade?

— É ótimo prosador, mas confesso que não gosto muito da prosa dele.

— Que pensa de Graça Aranha?

— Esse é tão bom que nem parece modernista. Tenho para mim que ele não realiza o que prega.

Em seguida, interrogado sobre se via no modernismo uma simples renovação de forma ou uma questão espiritual mais profunda, respondeu:

— As duas coisas. Novas idéias exigem formas novas. A poesia, fatalmente, tem de evoluir. Não pode emperrar nem ser uma eterna repetição.

ANTOLOGIA DE POETAS PARAIBANOS

(Conclusão da última página)

Do dia, é azul-turqueza, recamado
De nuvens, a sorrir, alvigeareiro,
— Espelho de cristal a nós voltadol —

De noite, inda é mais belo e prasenteiro,
De profusão de estrêlas constelado,
É o mais lindo dos céus, o brasileiro!

Antologia de Poetas Paraibanos

SELEÇÃO E NOTAS DE EDUARDO MARTINS

Co. JOÃO DE DEUS

1885

JOÃO de Deus Mindêlo da Cruz, nasceu no dia 8 de março de 1885, na capital da Paraíba. Fôram seus pais Alfredo Espinola da Cruz e Ana da Costa Mindêlo da Cruz. Fez seus estudos secundários e superiores no Seminário da Paraíba onde ingressou a 2 de fevereiro de 1897, tendo sido ordenado no dia 10 de novembro de 1907. Exerceu, entre outros, os seguintes cargos: coadjutor da paróquia de Bananeiras; vice-diretor do Colégio Santo Antonio e capelão do Colégio da Imaculada Conceição, em Natal, Estado do Rio Grande do Norte; vigário de Taperoá, de Livramento e de Santa Rita, neste Estado; diretor do Colégio Diocesano Pio X; capelão do Colégio Nossa Senhora das Neves e chanceler da Secretaria do Arcebispado. Foi ainda professor de Latim e Português no Colégio Diocesano.

Possúe, inéditos, 32 volumes de versos, artisticamente datilografados e encadernados. Tem em mente a publicação de um volume de poesias escolhidas a que deu o título de "Vitrais".

FULGORES

Se algum louvor me traz contentamento
Pelo pouco que fiz durante a vida,
Aos céus elevo a mente agradecida,
Que o céu foi quem me deu algum talento.

De inveja não me atinge o aviltamento,
Que o coração jamais lhe deu guarida.
Ao Genio rendo a gloria que é devida
Ao seu saber e ao seu merecimento.

Eu vivo satisfeito com a pobreza,
Que, sendo honrada, também é grandeza,
Sem possuir constelações de Nume.

Pouco importa o fulgor dos grandes astros
A quem viveu assim sempre de rastros,
Fulgindo como um simples vagalume.

SOFRIMENTO

O coração que tanto tem sofrido
E de gozar perdeu toda a esperança,
Se procura um consôlo não alcança
E vive de o sentir desiludido.

De rever seu passado bem florido
O coração, de certo, não se cança,
Mas, depressa lhe foge essa lembrança,
Deixando-o de saudade compungido.

Costumado a sofrer, quando acontece
Sorrir alguma vês, já lhe parece
Que o sofrimento está de si bem perto.

E assim tu vives, coração maguado!
Para a alegria, coração fechado!
Para a tristeza, coração aberto!

ILUSÃO

Quem foi que fruiu tanta ventura
Que não tivesse um dia de tristeza!
Quem se julga feliz tem a certeza
De que o quanto possui sempre perdura?

Quantas vezes num riso se procura
Ocultar dum desgosto a chama acêsa,
Emquanto da alegria a singeleza
Se ostenta sempre calma, sempre pura!

E' melhor não ter nada e ter vivido
Sem sustos, sem receios, sem temores,
Do que ver o que tem logo perdido!

De que servem grandezas e louvores!
De que serve em jardim todo florido
Achar espinhos, onde havia flôres!

VIA SACRA

Eu hei de percorrer a longa estrada
Que começa no berço da ventura
E vai findar na fria sepultura
Onde o corpo terá sua morada.

Minha alma vai seguindo atribulada
E o coração repleto de amargura.
Os dias se tornaram noite escura...
E assim eu vou fazendo essa jornada.

Entre máguas e dôres, entre espinhos,
Privado de consôlos e carinhos,
Eu vou seguindo o meu itinerário.

E, quando eu julgo que o sofrer já cessa,
E' que vejo e que sinto que começa
A via-sacra para o meu calvário.

CÉUS

Dizem que o céu é lindo em toda parte,
Que assim o fez o Artista Onipotente,
Mosirando o seu saber, "engenho e arte".
E o valor que possui, de Oniciente.

Haverá outro céu que os mais descarte?
Existe, sim, um céu que é mais fulgente,
Quer seja dia ou noite, onde se faça
A vista em contemplá-lo, mansamente.

(Conclui na página 15).